



A IMPROVÁVEL ECONOMIA DOS DESPROPÓSITOS

Paulo Roberto Pires*

Resumo: Como as principais tendências contemporâneas da retomada do ensaio desembarcam no Brasil? A partir dessa questão, o texto refaz a trajetória do gênero no país em contraste com a percepção do mundo anglo-saxão acerca do ensaísmo. Aponta-se a encruzilhada da reflexão intelectual com a exposição da primeira pessoa, da relação entre academia e mercado, da tensão entre comunicabilidade e aprofundamento.

Palavras-chave: ensaio; comunicação; mercado.

Abstract: How does the main contemporary trends of essay disembark in Brazil? From this point, the text retraces the trajectory of the gender in the country in contrast to the perception of the Anglo-Saxon world about essayism. It points to the crossroads of intellectual reflection regarding the exhibition of the first person, the relationship between academia and market, the tension between communicability and deepening.

Keywords: essay; communication; market.

1.

O ensaio é, entre nós, quase sempre tomado pelo que não é ou não deveria ser. Nascido como instância de liberdade, mão estendida para a amizade do leitor, início de diálogo, o ensaio veio dar em nossas latitudes dois séculos depois de espalhado pela Europa. E por aqui terminou quase sempre confundido com coisa difícil, de erudito ou especialista. Nascido conversa solta ao sabor da curiosidade e da inteligência, muitas vezes tornou-se entre nós monólogo pedante, não raramente cifrado pelo jargão universitário, desafinando o diapásão da difícil fala fácil que é uma de suas conquistas fundamentais. Sem assunto, sem interlocutor, o espectro de Montaigne vaga pelos escombros do encarniçado bacharelismo de nossa vida intelectual. Um caça-fantasmas pode detectá-lo aqui e ali em páginas de revistas. Nos jornais, raramente. Em livros, alguns, sobretudo entre os que participam da sempre robusta lista dos *worst sellers*, das piores vendas. Nos muitos cruzamentos do pensamento e da escrita com o mercado, o ensaio faz uma esquina improvável.



William Hazlitt: autorretrato, 1802

2.

Diz-se que a França inventou o ensaio e a Inglaterra, o ensaísta. Na Londres do século xviii para o xix talvez esteja o primeiro indício de que a forma difundida na ilha por Francis Bacon, atento leitor de Montaigne, poderia render, além de prazeres intelectuais, algum dinheiro para seus praticantes. William Hazlitt (1778-1830) e Charles Lamb (1775-1834) são os exemplos mais bem-acabados dos *essayists* que viveram – ainda que mal, diga-se – da própria pena. Praticavam o que ficou conhecido como *familiar essay*, assim designado por fundar-se numa prosa autoral que, publicada em periódicos, estabelecia vínculos imediatos e duradouros entre escritor e leitor. “Sobre o ódio” e “O convescente”, clássicos de um e de outro, são exemplos perfeitos do *fair play* intelectual que Lucia Miguel Pereira via como uma das marcas fundamentais da invenção dos *Ensaícos*. Tratam ambos de temas desimportantes e marginais para uma vida intelectual ritualizada e idealizada – um disserta sobre a necessidade de querer mal a algo ou alguém, outro sobre o status ambíguo daquele que, recuperando-se de uma doença, vive num intervalo entre os mundos da saúde e da fraqueza. Não há nesses raciocínios virtuosos objetivo final ou conclusão. O que interessa é o percurso, o passeio. Não esqueçamos que o ensaio ocupa, segundo Theodor Adorno, “um lugar entre os despropósitos”.

3.

Em 1984, Philip Larkin decretava: “O ensaio, como uma forma literária, está extinto”. Para o poeta, o precário ganha-pão de seus ilustres conterrâneos do século xviii “pertence a uma época em que ler – ler quase qualquer coisa – era o principal entretenimento da classe educada” (*apud* KIRSCH, 2013). Sua tese era sustentada então pela evidência de que a cultura audiovisual, mais rápida e rasteira, teria subjogado até a chamada “classe educada”, que habitualmente tinha o ensaio e seus refinados prazeres como elemento importante em sua dieta intelectual. Um entretenimento culto, no diapasão do prazer e não necessariamente de qualquer finalidade imediata, educacional ou de outro tipo. Melhor poeta do que futurólogo, Larkin não chegou a conhecer a Internet nem pôde constatar o novo e insuspeito lugar que, com ela, a leitura e a escrita ocupariam entre educados e não tão educados. E muito menos conjecturar que se falaria, no mundo anglo-saxão do século xxi, de uma nova vida para o ensaísmo.

4.

Vinte e nove anos depois de Larkin, Christy Wampole, professora assistente de Princeton, publica no *Opinionator*, blog do *New York Times* cujo título já é uma declaração de princípios, o sintomático “A ensaificação de tudo”. “É como se mesmo diante da proliferação de novas formas de comunicação e escrita”, escreve ela, “o ensaio tivesse se transformado num talismã de nosso tempo” (Wampole, 2013). Aludindo a uma “longevidade” do gênero, ela vê no ensaísmo uma alternativa ao “pensamento dogmático” que identifica como dominante nos Estados Unidos de 2013, ano em que escreve. “Na verdade”, diz ela, “eu defendo uma aplicação consciente e mais

reflexiva do espírito do ensaio a todos os aspectos da vida como uma resistência à zelosa limitação das cabeças fechadas. A esta aplicação chamarei ‘ensaificação de tudo’” (Wampole, 2013). A imagem que usa é pensada para ser desconcertante: “O ensaísta sampleia mais do que um DJ: um *loop* de épico aqui, um curto *replay* da voz ali, um *break* polivocal e citações de um passado glorioso, tudo isso encimado por um *scratch* bem pessoal” (Wampole, 2013). Menos gratuita do que parece, a metáfora pop fala tanto de uma possível definição de um método do ensaísta – Max Bense lembrava que o ensaio é mesmo uma *ars combinatoria* (cf. Bense, 2014) – quanto de sua proximidade com nosso remixado presente.

5.

Em 2012, tudo o que a jovem Hannah Hovarth queria era tornar-se a voz de sua geração. Na impossibilidade de chegar tão longe, contenta-se em tornar-se a voz de “alguma geração”. Alter ego da atriz, diretora e roteirista Lena Dunham, Hannah é a protagonista de *Girls*, série que estreou na hbo naquele ano contando as histórias de quatro jovens mulheres perdidas entre poses e ironias na capital do hipsterismo americano, o Brooklyn novaioquino. Hannah vive situações de variados graus de bizarrice, muitas vezes voluntariamente, tentando acumular experiências que, acredita, lhe permitirão nutrir uma carreira de escritora. Seu ideal, no entanto, não é ser romancista ou poeta. Quer ser ensaísta e estudar em Iowa, na universidade que em 1934 criou um dos primeiros programas de *creative writing* dos Estados Unidos. No imaginário dela, a possibilidade de realização estética e existencial está nos vastos e imprecisos domínios da não ficção, mais exatamente na complexa seara do *personal essay*, um subgênero do ensaio em que a experiência pessoal do autor é o ponto de partida – e nas piores versões, também de chegada. É como se, mesmo sem querer, o ensaísta repetisse a todo momento Walter Mercado, o astrólogo porto-riquenho que, ao oferecer seus serviços, asseverava: “La garantía soy Yo!”. Foi esse o título,¹¹¹ aliás, que escolhi para uma resenha de *The Best American Essays of 2011*, tamanha a preponderância da primeira pessoa entre os escolhidos daquele ano pela série que, desde 1986, procura ser uma amostragem do que de melhor se publica no ensaísmo norte-americano.

6.

Se a fronteira entre a liberdade radical do ensaísmo e o vale-tudo é sempre tênue, ela quase desaparece quando o tema é a experiência pessoal do escritor. Em 1997, Phillip Lopate organizou *The art of the personal essay*, antologia pioneira e até hoje insuperável em que o *personal essay* é tratado com tamanha maleabilidade que vai de Sêneca a Joan Didion, com escalas no mínimo curiosas em Natalia Ginzburg e E. M. Cioran. Diretor do programa de não ficção de Columbia, professor experiente e ótimo escritor, Lopate buscava assim dar lastro histórico e intelectual a uma tendência do ensaísmo que, àquela altura, ainda estava longe da explosão de hoje. Nos textos que reuniu, autores tão diferentes quanto James Baldwin ou Jorge Luis Borges fazem uso rigoroso da primeira pessoa, que, longe de uma “naturalidade” da expressão, é construção delicada e complexa para buscar o geral no particular, para transformar a matéria-bruta da experiência imediata num olhar original sobre o coletivo. É assim, aliás, em alguns dos melhores ensaístas contemporâneos, como Geoff Dyer, John Jeremiah Sullivan e Leslie Jamison. E está distante disso na medida em que o ensaio torna-se veículo de confissão pura e simples, expressão de uma vivência com baixo teor de reflexão. Ou, o que é o pior, que se formula de olho em seu leitor.



Stefan Zweig

7.

Em “O ensaio como forma”, Adorno já advertia que o mesmo ímpeto que liberta o ensaio dos constrangimentos do método pode lançá-lo acriticamente na facilitação. “Livre da disciplina da servidão acadêmica”, escreve ele, “a própria liberdade espiritual perde a liberdade, acatando a necessidade pré-formada da clientela” (Adorno, 2008, p. 20). Um de seus exemplos é Stefan Zweig, popularíssimo em sua época por romances, novelas, biografias e ensaios que, na ótica severa do filósofo, terminam por chafurdar num ecletismo que é menos manifestação de autonomia estética do que submissão aos variados nichos do mercado literário. Não se trata aqui de defender uma improvável “pureza” do ensaio contra o utilitarismo do mercado, mas de ressaltar que o princípio de liberdade do ensaísta pode ser trivializado, muitas vezes de forma quase imperceptível. “A suspeita contra a falsa profundidade”, já advertia Adorno, “corre sempre o risco de se reverter em superficialidade erudita” (p. 19).

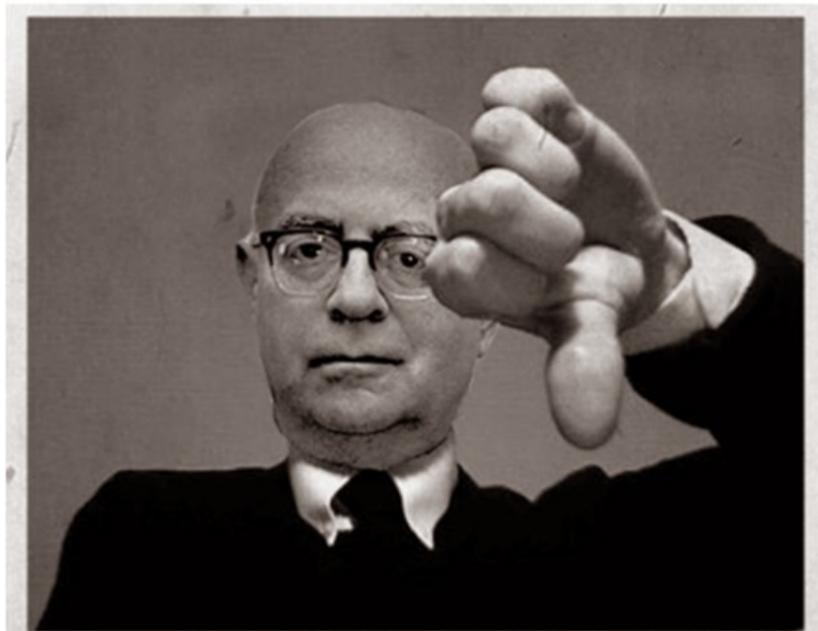
8.

De que estamos falando então quando falamos numa retomada do ensaio, sobretudo no domínio anglo-saxão, aquele que propiciou seus melhores e mais interessantes desdobramentos através da História? Sem dúvida de um desses encontros, raros, do ensaísmo com o mercado. Encontro que potencializa a difusão dos mais interessantes valores de liberdade intelectual mas que, também, acirra os paradoxos de um gênero tenso e autorreflexivo. O que se comemora com a sobrevivência de uma revista como a americana *n+1* ou de uma editora dedicada ao ensaísmo como a inglesa Notting Hill Editions é, sem dúvida, o encontro do ensaio com seu leitor ideal, o *common reader* que Virginia Woolf imaginou, interessado, culto, mas não necessariamente especializado, leitor onívoro que prescinde de

instâncias de legitimação, que se move erráticamente, guiado pela curiosidade e pelo prazer dos raciocínios e das incursões intrujonas nos mais diversos campos que só o ensaio permite. Mas a seu lado, às vezes misturado com ele, vem o *hyped reader*, nada comum, pronto para aderir à mais nova ideia da semana, para ler e difundir o mais recente ególatra irônico, convicto de que, para escrever, basta estar vivo. Teria o ensaio, em sua estrutura mais íntima, anticorpos suficientes para circular na velocidade das “tendências” sem se dissolver?

9.

Como tantas outras ondas, essa também arrebenta no Brasil. E aqui encontra, como eu lembrava lá no começo, um ambiente intelectual indiferente ou inlenso às suas cheias e vazantes. Pelo menos dois pontos, hoje, tornam a vida intelectual brasileira inóspita para o ensaio:^[2] o primeiro diz respeito à crise da imprensa e do mercado editorial; o segundo, aos paradoxos da universidade. Jornalistas e editores se veem como soldados numa guerra pela atenção dos leitores e, buscando conquistar posição, passam a tentar prever as preferências de seus potenciais interlocutores. Em 90% dos casos, a aposta é na medianização do gosto e das referências, primeiro passo de uma jornada melancólica que passa pela mediocrização do que se publica e muitas vezes desemboca no aberto anti-intelectualismo. A vida acadêmica, por sua vez, profissionalizada e submetida a draconiana avaliação produtivista, tende a entrar num curto-circuito congratulatório: professores e pesquisadores escrevem e falam para professores e pesquisadores, elogiam-se e digladiam-se entre si com baixa disposição para a arena pública, aquela em que os intelectuais, falando aos não-especialistas, fazem de sua *expertise* não uma finalidade, mas o ponto de partida para um diálogo. Jornalistas acham, com certa razão, que os intelectuais universitários falam javanês. Estes desprezam os jornalistas, com certa razão, pela progressiva desistência de serem propositivos, por se renderem ao leitor como clientela.



Theodor Adorno

10.

É de se especular, no entanto, se essa terra arrasada faz mais bem do que mal para o espírito do ensaísmo. De se perguntar se o ensaio vive melhor nas brechas e nas linhas auxiliares do que no *mainstream*. Se o ensaísta, que E. B. White definia como um orgulhoso cidadão de segunda classe na República das Letras,^[3] realmente ganha com qualquer tipo de protagonismo. Se, finalmente, como consequência da pauperização generalizada de nossa vida intelectual, não recuperemos o risco de pensar e escrever sem redes de segurança. Talvez aí se abra um mercado baseado mais na troca do que na mais valia das ideias, sem as recompensas duvidosas do “mais vendido” e livre dos arremedos do método. Pois o ensaio, nos lembra o velho Theodor, não passa mesmo de um despropósito.

* **Paulo Roberto Pires** (1967) é professor da Escola de Comunicação da UFRJ e doutor em Literatura Comparada pela mesma universidade. Jornalista e escritor, é autor do perfil biográfico *Hélio Pellegrino, a paixão indignada* (Relume-Dumará, 1998) e dos romances *Do amor ausente* (Rocco, 2001) e *Se um de nós dois morrer* (Alfaguara, 2011). É editor da *serrote*, revista de ensaios do Instituto Moreira Salles.

Referências

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: *Notas de literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2008, p. 15-45.

BENSE, Max. O ensaio e sua prosa. In: *serrote*, número 16, março de 2014. Trad. Samuel Titan Jr. Disponível em: <http://www.revistaserrote.com.br/2014/04/o-ensaio-e-sua-prosa>.

KIRSCH, Adam. The new essayists, or the decline of a form?. In: *New Republic*, 8.2. 2013. Disponível em: <https://newrepublic.com/article/112307/essay-reality-television-david-sedaris-davy-rothbart>.

LOPATE, Phillip (org.). *The art of the personal essay: an anthology from the Classical Era to the Present*. Nova York: Anchor Books, 1997.

WAMPOLE, Christy. A ensaificação de tudo. In: Revista *serrote*, 2013. Trad. Paulo Roberto Pires. Disponível em: www.revistaserrote.com.br/2013/06/a-ensaificacao-de-tudo-por-christy-wampole.

Notas

[1] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/11345-quotla-garantia-soy-yoquot.shtml>

[2] Há uma conjunção de fatos que explica a situação do ensaio brasileiro hoje, mapeada em parte por Pedro Duarte no ensaio “O elogiável risco de escrever sem ter fim”, publicado na *Ilustríssima* no dia 28 de fevereiro de 2016.

[3] A definição aparece no prefácio da antologia *Essays of E.B. White*, publicada pela primeira vez em 1977 pela Harper Collins.